

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: 460

Data: 03/02/81

Pg.: _____

Indígenas aguardam a decisão de Andreazza

Uma comissão representando os 15 índios que moram na "Casa do Ceará", entidade beneficente que mantém um convênio com a Funai, entregou ontem, no Ministério do Interior, uma carta endereçada ao ministro Mário Andreazza relatando os acontecimentos que resultaram no "despejo" do grupo pela Funai, na última quarta-feira. O ministro do Interior ao tomar conhecimento da atitude da Funai, também na última quarta-feira, determinou o imediato cancelamento, ao tempo que avocava para si a responsabilidade de deliberar sobre o assunto.

A carta entregue ontem no Ministério do Interior é assinada pelos índios Estevão Taukane (Bakairi), Mariano Marcos (Terena), Curerete (Karajá), Idjarruri (Karajá) e Carlos Narcos (Terena). O documento foi recebido pelo subchefe

do gabinete do ministro, Paulo Rui que, diante da comissão disse que eles poderiam "deixar de tensão. Vamos esperar a decisão do ministro que, pelo menos, será justa e acertada".

A crise entre os índios estudantes instalados na "Casa do Ceará" e a Funai, teve início quando da criação da União das Nações Indígenas (UNIND) que não foi aceita pela Funai. A partir desse ponto, os índios denunciavam a atuação do órgão tutelar que chegou a se utilizar do trabalho de sociólogos, psicólogos, pedagogos, visando a desmobilização do grupo composto pelos 15 índios, culminando com o "despejo" de quarta-feira última, quando foram informados pelo chefe da Divisão de Educação da Funai, professor Inaldo de Lacerda Lima, que por determinação superior eles não mais poderiam permanecer na

"Casa do Ceará", dando um prazo de três dias para que deixassem o local.

DEMISSÃO

O ex-secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), padre Antônio Iasi, disse ontem que o afastamento do coronel Ivan Zanoni Hausen, do DGPC da Funai, "é mais do que oportuno nesse momento, uma vez que ele substitui o general Demócrates Soares de Oliveira, de triste memória, e por ser menos despreparado do que o anterior, dotado de espírito maquiavélico. Ele é um desses personagens que mais danos tem causado à causa e à política indígena". Os administradores de índios, "prosseguiu", colocados à frente do órgão têm dado provas de incompetência e ignorância na condução da tutela, se arvoram a ser a cabeça pensante da Funai".

Para o ex-secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário, o coronel Hausen "é mais um desses elementos que depois de passar pela Fundação Nacional do Índio vai ficar impune", concluiu.

CUMPRIR A LEI

O chefe do DGPC, coronel Hausen, justificou a saída dos índios da Casa do Ceará, na ocasião, como "cumprimento da legislação vigente, que diz que os índios devem ficar o mais próximo possível de suas aldeias". No mesmo dia, à noite, o ministro do Interior ao ser informado do "despejo" dos índios estudantes, sustou a medida e pediu que a Funai enviasse ao seu ministério um relatório sobre a situação. A notícia foi veiculada por uma emissora de televisão e o ministro procurou entrar em contato com o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, que está viajando.

Juruna exige direito ao transporte e à educação

Goiânia - O cacique xavante Mário Juruna tentava resolver anteontem, em Barra do Garça, no Mato Grosso, mais um problema surgido com a Funai, que apreendeu um jipe Toyota da comunidade indígena Nanukurá, utilizado por ele naquela cidade há algum tempo.

Mário Juruna afirma ter sido acusado pelo chefe da ajuda da Funai em Barra do Garça, que se chamaria Rodolfo Valentim, de usar o veículo sem autorização e, portanto, ilegalmente. Sob essa alegação, Valentim recolheu o carro, único disponível na região para os silvícolas, privando a comunidade indígena de utilizá-lo.

Outra acusação feita pelo chefe xavante à Funai é de que ele não facilita o acesso do índio à escola. Para Mário Juruna, o índio deve estudar.

-Acho que hoje em 1981, 82, 83 e assim por diante, o índio é obrigado a aprender, a estudar, é obrigado a se assumir como pessoa, como brasileiro. O governo, também é obrigado a dar assistência para a comunidade indígena, a dar bolsa de estudos aos índios. Nós não precisamos viver em pedacinhos do país (reservas indígenas), rodeados de brancos.

Segundo ele, as reservas são ilhas no meio da população branca.

Como os índios vão viver no meio dos brancos, se não sabem falar a linguagem do branco? Não sei como vamos nos defender. Então acho um crime a atual situação, pois se está tirando a liberdade do índio. Estão matando a liberdade do índio. O índio quer es-

tudar, ser advogado, ser doutor, marechal, deputado, senador. Como é que outras pessoas têm o direito de tirar a liberdade da gente? Vivemos como crianças, tutelados pelo governo. Ele é como pai.

Segundo Mário Juruna, não há, no momento, possibilidade do índio viver isolado do branco, pois, isso somente seria possível em 1.500, quando havia mais espaço no país, para onde os silvícolas podiam fugir da população branca.

-Hoje, como o índio vai conservar sua tradição, se o branco está se aproximando cada vez mais de suas aldeias? A gente está entrosando com o branco também, e não sei como vamos viver em liberdade.

Ao deixar Goiânia, na semana passada, Juruna foi para Barra do Garças, no Mato

Grosso, a fim de tentar a devolução de um jipe Toyota utilizada pela comunidade indígena Namukura, que a ajuda local da Funai apreendeu. O carro foi usado há tempos atrás por ele. Isto teria acontecido ilegalmente — sem autorização — conforme alega o chefe da ajuda que, segundo o chefe xavante, se chamaria Rodolfo Valentim. O carro era o único destinado a servir a comunidade indígena que, assim, está sem meio de transporte. Juruna diz ter sido acusado, inclusive, de ladrão e, por isso, foi à Barra do Garças esclarecer o assunto e tentar a devolução do veículo aos Numukuras. Juruna retorna a sua aldeia — São Marcos — no Parque do Xingu, após vários dias no Rio de Janeiro, tentando resolver problemas que enfrenta na sua tribo.